

Treinamento no uso da biblioteca com recursos audiovisuais: revisão de literatura

ANTÔNIO MIRANDA *

Partindo da premissa da Lei de Bradford-Zipf, foram analisados autores norte-americanos e ingleses para sumariar as metodologias, programas e opiniões sobre cursos projetados, mediante o uso de meios não-gráficos (diapositivos, fitas, filmes, etc.), para instruir os leitores nas técnicas de pesquisa bibliográfica, nas obras de referência fundamentais, com vistas à promoção dos serviços e à maximização do uso das coleções (principalmente) das bibliotecas universitárias e especializadas.

INTRODUÇÃO

A necessidade permanente de treinar não só os pesquisadores mas também os usuários em potencial das bibliotecas é um problema que merece um tratamento criativo e, às vezes, até mesmo revolucionário. *“O sempre crescente volume da literatura científica agora requer que os cientistas sejam treinados para a devida apreciação e o correto uso dos serviços*

* Mestre pela Loughborough University of Technology.

documentários ao seu alcance. Quanto mais os estudantes de ciências forem instruídos sobre a literatura científica, maior será a probabilidade de que alguns venham a enriquecer as fileiras dos especialistas em informação". Essa afirmação de Bottle (5) poderia ser igualmente atribuída, com diferentes matizes, a outros tipos de bibliotecas e usuários.

Se a função do bibliotecário de referência "é a de oferecer orientação na procura da informação mais do que fornecer a própria informação pedida" (27), então como enfrentar criativamente tão importante problema?

Há uma variedade de soluções utilizadas como: visitas acompanhadas às seções da biblioteca; palestras ilustrativas; sessões informais com perguntas e respostas comandadas pelo bibliotecário; palestras especiais na sala de aula ou na biblioteca; o folheto-guia geral ou especializado sobre o uso da biblioteca. Inovações, entretanto, podem ser combinadas às técnicas tradicionais. Explicações podem ser reforçadas com transparências facilmente produzidas numa xerocopiadora. Diapositivos, fotografias, diagramas e fluxogramas, exposições e cartazes podem ser planejados.

Erickson e Curl acreditam que se aprende 10% do que se lê; 20% do que se ouve; 30% do que se vê e 50% do que se ouve e vê. Mesmo descontando o exagero, a afirmação tem muito de verdadeira no caso da promoção do uso da biblioteca.

Até que ponto seria útil e desejável ensinar a todo um grupo de alunos as obras de referência básicas numa forma sistemática e proveitosa? Caberia lembrar aqui a Lei de Bradford-Zipf que teve o mérito de provar que 80% das perguntas formuladas pelos usuários podem ser satisfatoriamente respondidas com um número *mínimo* de obras de consulta, as quais

deveriam ser do conhecimento dos usuários para maximizar o seu uso e aliviar o trabalho bibliotecário.

“O treinamento do usuário deveria *idealmente* ser dado na base de um instrutor por estudante. Infelizmente, devido ao grande número de estudantes que precisam deste tipo de instrução, isto está fora de cogitação devido à escassez de tempo e de pessoal. Portanto, devem-se considerar soluções alternativas” (7).

Ceshyre & Hills (da Universidade de Surrey, U.K.) identificam 3 formas de instrução de usuários: primeiro, em grandes grupos; segundo, em pequenos grupos e finalmente, por situações *criadas* nas quais os usuários podem aprender por si mesmos. Esses professores britânicos acreditam que ler um livro pode ser uma situação favorável a esse tipo de “proposto” autodidatismo; ver um filme pode ser classificado na mesma categoria, tendo a grande vantagem de simular a situação ideal professor-estudante. Materiais desse tipo poderiam ser igualmente usados nas aulas de “Referência” e “Bibliografia” (e vêm sendo usados) nas escolas de biblioteconomia.

Se o objetivo é servir a uma comunidade determinada (como, por exemplo, os pesquisadores de uma instituição ou os estudantes de uma faculdade) os 3 princípios idealizados no programa do Earlham College, Richmond, Indiana (23): a) *integração*; b) *demonstração* e c) *gradação*, seriam válidos. A instrução deve ser integrada, sempre que possível, nos trabalhos dos cursos, através do uso intensivo da biblioteca, da demonstração da metodologia da pesquisa bibliográfica e do uso das obras de referência de forma “gradual”, isto é, *acumulativamente, levando em conta graus de complexidade*.

Para que o bibliotecário compile satisfatoriamente a bibliografia das fontes de consulta disponíveis, é

preciso que ele levante “dados mais específicos sobre as reais necessidades dos usuários da biblioteca” (4). Tais necessidades variam de biblioteca para biblioteca de acordo com o seu tipo e clientela, e em função de condições particulares. *Para ter ressonância, a instrução programada deve ir de encontro às reais necessidades da comunidade usuária.*

As críticas mais comuns à insuficiência das explicações dadas pelo instrutor se referem ao fato de serem óbvias (muito geral) ou de necessitarem de novas explicações posteriores e de experiência para serem entendidas... “Tais são os erros crassos que devem ser evitados por quem *inteligentemente* planeje cursos sobre o uso de literatura científica” (5).

Os bibliotecários deveriam estar conscientes de suas responsabilidades na condução desse treinamento, pois são eles que selecionam, adquirem, organizam e *promovem* o uso do acervo sob sua custódia. Ortega y Gasset no seu famoso ensaio sobre “La Misión del Bibliotecario” fez uma profética advertência sobre o perigo de os bibliotecários virem a perder o seu papel na sociedade se não puderem readaptar-se contínua e convenientemente às necessidades da mesma.

Mesmo num país desenvolvido como o Canadá isso pode acontecer. O “Multi-Media Project” foi iniciado pelo governo do Quebec com vistas a cumprir as aspirações de educação permanente da cidadania, mediante TV, rádio, etc. Mas... “o projeto ignora os maiores instrumentos desse processo educativo, quero dizer, as bibliotecas”, observa Bourgoiuin (6). “Os bibliotecários foram negligentes na promoção dos objetivos e das metas de suas instituições”.

Finalmente, devemos conscientizar-nos de que “existem muitos estudantes necessitando de orientação, que jamais formulariam perguntas ao bibliotecário,

seja por timidez, falta de tempo, ou ignorância de sua função de orientador" (23). A promoção do uso da biblioteca deve chegar também a esses estudantes.

FITAS GRAVADAS

Algumas bibliotecas, especialmente nos E.U.A., preparam fitas tipo "cassete" com a intenção de substituir as pouco flexíveis visitas orientadas. Essas fitas podem ser ouvidas quando o *aluno necessitar de explicação*, estando à disposição dele na sala de referência ou junto ao balcão de circulação das bibliotecas universitárias. Apresentam a vantagem de fácil e rápida atualização, permitindo correções ou nova gravação. A voz na fita instrui o estudante passo a passo, substituindo a própria visita: "vire à direita, aqui a sala de publicações periódicas, observe à esquerda que as revistas estão arrumadas alfabeticamente: temos mais de 70 títulos", etc. (7) *O texto pode ser planejado para satisfazer a cada tipo de ouvinte* (calouros, estudantes de engenharia, visitantes estrangeiros, etc.) Uma variante seria o uso de toca-fitas com *audiofones individuais para uso em situações típicas*, por exemplo, a fita "O uso do catálogo coletivo" para ser ouvida por quem pretenda usá-lo. Se o texto for bem programado, afirmam Ceshyre e Hill, tal método é o que mais se aproxima da situação ideal aluno-instrutor. "Embora a fita sonora não possa resolver as dúvidas do estudante surgidas durante a audição, esperamos que nossas pesquisas proporcionem o "feed-back" necessário à revisão das fitas, *eliminando as incongruências*. Eventualmente, pretendemos antecipar a maioria das dúvidas que possam surgir ao usuário, dando-lhe as devidas respostas" (7).

“Ver é acreditar”, escreveu Colin Jones. “O uso da apresentação com diapositivos é melhor do que mostrar ao aluno as páginas de um livro, um de cada vez, porém se aliado à fita sonora, propicia-nos um meio de instrução que envolve ao mesmo tempo os sentidos da visão e da audição” (7). Johnson acha que esse tipo de palestra gravada pode ter vantagens até mesmo sobre o filme sonoro, como a de dar ao estudante *suficiente tempo para observar os detalhes da figura ou diagrama*.

Escrever o roteiro e a produção do audiovisual requerem o mesmo cuidado exigido para a produção de um filme, afirma Helen Jones. A previsão de tempo para as pulsações magnéticas que permitem a mudança simultânea dos diapositivos devem ser gravadas na fita em sincronia com o comentário. “A voz do apresentador é gravada na parte superior da trilha da fita (geralmente cassete) e, nos pontos apropriados, pulsações de alta frequência são gravadas na trilha inferior (inaudível para a audiência), as quais determinam automaticamente as mudanças de diapositivos nos projetores modernos” (19). Uma variante mais sofisticada é a proposta por Godhue com o nome de TESS (Taped Explanation Slide Synchronization). Como um filme, o audiovisual deve ter título e nomes dos seus realizadores, utilizando inclusive música e efeitos sonoros, se considerados apropriados. A técnica de programação já foi devidamente divulgada, depois utilizada e avaliada pelo SCNU (28). Quando o programa está pronto, ele pode ser copiado quantas vezes necessário, podendo ser usado pelos leitores mediante projetores tipo mesa ou cabines individuais. A versão mais popular desses projetores, para grupos de 20 a 25 alunos ao mesmo tempo, é o “Singer

Caramate”, já existente no mercado brasileiro de importados. *Os programas podem ser modificados mediante a regravação ou substituição de diapositivos* para adaptar-se às novas necessidades. Eles não são exclusivos de um tipo específico de biblioteca e “podem ser usados também para treinamento de pessoal auxiliar” (15).

Obras de consulta complexas como o *Chemical Abstracts*, o *Biological Abstracts* e principalmente o *Citation Index* — dor de cabeça de muitos pesquisadores e até mesmo de bibliotecários novatos — podem ter esse tratamento.

Ramsey sugere o uso de folhas de problemas programados que podem ser dadas ao usuário quando iniciantes nessas obras, com a vantagem de poderem trabalhar no seu “próprio ritmo”, recebendo a explicação necessária e praticando ao mesmo tempo (26). Ganung constatou que os estudantes são motivados a formular perguntas, já num nível mais sofisticado, depois de usarem esses processos de treinamento. Os usuários dos aparelhos audiovisuais em Mt. San Antonio College (E.U.A.) demonstraram um uso posterior mais eficiente dos recursos da biblioteca, formulando menos perguntas convencionais, ao contrário dos leitores “não iniciados” (16). A razão estaria na objetividade e no âmbito da instrução oferecida. “É duvidoso que alguma técnica audiovisual tenha a mesma flexibilidade ou impacto potencial no ensino com um custo de produção menor. *O nível de sofisticação alcançado em qualquer programa dependerá das habilidades utilizadas durante a produção*; no entanto, mesmo o mais simples será eficaz e sua técnica está ao alcance de todos” (19). Johnson acha o audiovisual vantajoso comparado seu custo aos gastos necessários à produção de filme e TV.

Avaliação crítica é parte essencial na programação de audiovisual, especialmente daquele projetado com fins instrumentais (31). O processo começa com a definição das necessidades, com a redação das finalidades e objetivos e com a avaliação da população usuária potencial. Deve ser testado posteriormente com rigor, avaliado e revisto até à sua real definição.

O mais sofisticado dos audiovisuais é o "dial-access to tapes" controlado por computador, experimentado na Universidade de Oklahoma, a um preço operacional considerado ainda muito elevado, mesmo para os E.U.A.

FILMES

Filmes podem preencher uma grande tela com grande capacidade de definição de imagem, em preto e branco ou em cores, "assemelhando-se realmente à vida real" (19) se o estilo é realista. Pode ser acompanhado com som de alta fidelidade. "Pode ser visto em qualquer momento, em qualquer lugar, fora da biblioteca se necessário, com um aparelho portátil", comenta Johnson.

O conhecimento necessário para produzi-los é relativamente mais complexo que o necessário para realizar audiovisuais ou video-tapes, devido à natural expectativa do público em relação a esse tipo de meio.

Um amador deve ter um mínimo de habilidade técnica para lidar satisfatoriamente com o mundo complexo da produção cinematográfica, a qual requer obrigatoriamente a ajuda de especialistas. O roteiro requer também um tratamento cuidadoso e criativo.

"Algumas bibliotecas relatam com orgulho que elas substituíram a visita orientada pela visita filmada; em vez de acompanhar o guia através da biblio-

teca, o estudante assiste ao filme em que os visitantes acompanham o guia através da biblioteca”, comenta ironicamente Miriam Dudley.

A literatura por nós revista a respeito do uso de filmes na instrução do uso da biblioteca está cheia de descrições de filmes e de pontos de vista a respeito deles. Por exemplo, a Universidade Aberta da Grã Bretanha (Open University) produziu recentemente um filme para estimular os estudantes no uso dos serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas inglesas, já que a citada universidade transmite as aulas quase que exclusivamente por televisão (BBC). O filme começa mostrando um estudante diante do catálogo fazendo uma pesquisa bibliográfica. Bibliografias e obras de referências são apresentadas a seguir, principalmente as revistas de resumos. Também ilustra como o estudante, para os materiais não disponíveis no local, pode obter os serviços de empréstimos interbibliotecário organizados pela British Lending Library (Boston Spa) através de telex. Uma das cenas é filmada justamente na sede da BLL onde o livro solicitado é retirado da estante para imediato envio pelo correio à biblioteca pública onde o leitor fez seu pedido.

Se o bibliotecário preferir valer-se de filmes vendidos, alugados ou emprestados, (embaixadas, organismos oficiais e particulares oferecem esses serviços no Brasil) ele deverá, igualmente, *assisti-los antes de sua apresentação pública*, a fim de julgar sua utilidade em outro contexto, não se limitando à leitura do resumo dos conteúdos nas listas de divulgação ou contentando-se com a excelência do título. Muitos desses filmes oferecidos por embaixadas são “imaginativos, úteis”, enquanto outros são “estúpidos e chatos” (12), quando não contrários à política cultural da própria biblioteca.

Também os filmes fixos, menos sofisticados, podem ser tomados em consideração. As disponibilidades econômicas e os objetivos visados ditarão a escolha dos meios.

CIRCUITO FECHADO DE TELEVISÃO E TELEVISÃO COMERCIAL

Assisti recentemente na BBC de Londres a um interessante programa divulgando os serviços oferecidos à comunidade por uma biblioteca pública. O apresentador de gráficos, "cartoons", entrevista pessoas na rua, demonstrando que nem todos, mesmo na Inglaterra, estão cientes ou conscientes dos serviços da sua biblioteca, finalizando com a visita à própria biblioteca, onde um leitor pedia informações sobre "camping". O programa em questão resultou objetivo, atrativo, simples, direto e dinâmico. Experiências desse tipo bem poderiam ser estimuladas no Brasil onde o uso (se não a existência) das bibliotecas públicas é ainda mais precário. Programas infantis brasileiros nunca mostram crianças em bibliotecas... Os bibliotecários poderiam contar estórias na TV ou isso é exclusividade dos artistas profissionais?

No setor do ensino, televisão em geral e "circuito fechado de televisão" em particular, expandem-se rapidamente e o treinamento dos usuários vale-se desses veículos de massas, cada vez maiores em alguns países.

Videotapes podem ser produzidos com a gravação de palestras completas com materiais ilustrativos servindo de base às explicações ou, ao contrário, os videotapes podem ser usados como materiais ilustrativos durante as palestras.

"O *material ilustrativo* pode ser classificado em quatro categorias: fotografias, detalhes de fotografias, legendas e objetos que serão mostrados pelo apresentador durante a palestra, sendo estes estáticos e

dinâmicos" (38). Conseqüentemente, a primeira tarefa seria *decidir a ênfase e o estilo*. "Chegou-se rápido à conclusão que o estilo mais simples provavelmente seria o mais eficaz", confessa Wyatt. "Usando esse tipo de recursos "audiovisuais", *o primeiro grande perigo sempre foi o de usar uma excessiva quantidade de informação*, muito além do que uma audiência provavelmente absorveria" (38). Garen aconselha evitar o uso de *roteiros escritos*, ou pelo menos *não utilizá-los para leitura*, para evitar alheamento e rigidez. A razão parece simples: o bibliotecário necessita de outros materiais durante a palestra televisada, tais como livros, fichas, listas, diapositivos e é justamente neles que o bibliotecário deverá concentrar a atenção. Ele considera igualmente que o roteiro escrito é necessário apenas na preparação. Diante das câmeras, o bibliotecário deve trabalhar desimpedido pois *a informalidade é a chave da televisão educativa* já que é um veículo de massas que as pessoas geralmente associam com a sala de estar e a vida em família. "Faltas (ou defeitos) são toleradas ou ignoradas na televisão enquanto que num filme custariam as cabeças dos autores..." (19). Na Universidade de Windsor, uma programação de instrução para o uso da biblioteca, foi apresentada aos novatos, pela primeira vez, em circuito fechado de televisão, em 1965. Incluiu, durante 7 semanas consecutivas, seis palestras e um exame final. Cada palestra durava 60 minutos, cobrindo os seguintes tópicos: classificação; catálogos; publicações periódicas e índices; fontes de informação bibliográfica. Em 1966 foram incluídas duas palestras adicionais: uma de introdução ou aula inaugural, e outra sobre fontes bibliográficas do campo científico.

"O curso era obrigatório para grupos uniformes. Anteriormente, eram ministrados "manualmente" envol-

viendo um maior número de bibliotecários (cinco encarregavam-se de proferir cento e vinte palestras), exigindo um trabalho realmente grande em tempo e esforço. Agora apenas um bibliotecário encarrega-se da palestra. Três mil estudantes puderam ser instruídos numa manhã, seis mil num só dia. Assim o bibliotecário dispõe de mais tempo para preparar a palestra e são *especialistas* os que estão *encarregados de apresentação* (por exemplo, o catalogador falando sobre o catálogo etc.). As palestras são seguidas por breves explicações às perguntas suscitadas durante a apresentação dos videoteipes” (15). Usando um questionário e quantificando os resultados, os autores da experiência encontraram motivos para entusiasmo. Por exemplo, a pergunta “Você preferiria ser instruído por um professor na sala de aula em vez de videoteipe?”, recebeu 438 respostas favoráveis ao videoteipe, enquanto 320 manifestaram-se pelo instrutor e 74 não opinaram. Uma pergunta sobre esse tipo de treinamento com videoteipe teve como resposta quase unânime por parte dos estudantes relativa à impossibilidade de interromperem as projeções para fazerem perguntas, o que levou os organizadores do programa posteriormente a incluir diálogos depois das apresentações.

É universalmente reconhecido que os “videoteipes, devido aos fatores de custo de produção e pela rapidez com que se tornam obsoletos, resultam quase sempre onerosos para o orçamento das bibliotecas”, tornando seu uso injustificável em termos bibliotecários (38). No entanto, algumas bibliotecas valem-se de órgãos especializados das próprias universidades ou instituições a que pertencem para *compartir economicamente as responsabilidades num programa mais amplo com a participação de outros departamentos*. Outra difi-

culdade que leva à cooperação externa está em que o videoteipe requer especialistas no estúdio de gravação. Por outro lado, os filmes podem ser desmanchados e usados outras vezes para atualizar o material (se a biblioteca decidir conservá-los para posteriores apresentações) ou podem ser usados por outros departamentos.

Seria útil se os bibliotecários encarregados das elaborações desses programas trabalhassem em escala cooperativa com outras universidades no sentido de padronizar também os materiais e máquinas previstas para exibição. A situação é pior na Inglaterra e nos E.U.A. onde a variedade de máquinas disponíveis e a rapidez com que surgem novas desencorajam às vezes iniciativas desse tipo. Ainda "é muito cedo para estar em condições de dizer com precisão que tipo de equipamento eventualmente provará ser o melhor" (25). O mesmo pode-se dizer com respeito à tomada de decisão sobre o melhor meio de ensinar os alunos no uso dos recursos da biblioteca, principalmente porque estamos apenas começando.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A duração dos programas pode variar de "menos de 12 minutos" (Genung) nos audiovisuais até os 50 minutos de um videoteipe (Garen) mas é bom recordar que quanto mais longo, mais cuidado requer a programação (23).

É também importante a previsão relativa do momento ideal para a apresentação dos programas. "O momento ideal é na semana em que os estudantes começam os trabalhos encomendados pelos professores, ou seja, no início do ano escolar" (23).

A informação deve ser clara e concisa, direta e adaptável para apresentação gráfica (Genung).

Aconselha-se o uso de *bastante* (nem pouca nem excessiva) variação para manter o interesse do espectador (Genung).

A seleção dos exemplos deve ser simples, clara e relacionada a assunto familiar ao estudante (Genung).

Deve ser usada alternância de vozes masculina e feminina para se obter a variedade tonal necessária (Genung).

Se as ilustrações forem bem planejadas e executadas, ajudarão a manter a mensagem dentro das linhas previstas, na ordem mais lógica para evitar confusão, distorção ou desvio de interesse do leitor ou ouvinte (Johnson).

Faz-se necessária a revisão permanente dos aparelhos para evitar incômodos e atropelos de última hora. Aparelhos elétricos nem sempre resistem ao uso constante e estão sujeitos a defeitos mecânicos repentinos, além de falta de eletricidade etc.

“A eficácia pode ser considerada em relação ao custo. Custo, no entanto, não deve ser entendido apenas em termos monetários, mas principalmente, em termos de tempo, criatividade e esforço do criador” (Johnson).

Os “meios não-gráficos” (2)* devem ser considerados complementares mais do que competitivos. Não se justifica a sua utilização pelo mero desejo de

* “Materiais audiovisuais”, “auxiliares audiovisuais” e “Meios audiovisuais” vêm insistentemente sendo utilizados como sinônimos mas não resultam muito apropriados pois, se “filme” e “diapositivos” são considerados materiais audiovisuais, o livro resultaria no mesmo conjunto de materiais. Em inglês a expressão “audiovisuais” está cedendo terreno para a similar “non-book media”, que é ainda mais infeliz pois a definição negativa apenas exclui o livro do lote mas não informa sobre o que define... Na tradução que fez do artigo do Prof. Havard-William (*Rev. Biblioteconomia Brasília* 3(1):3-15), o Prof. A. Briquet Lemos traduziu “non-book media” como “meios não-gráficos” com a intenção de contrapô-los aos impressos em geral. A definição permanece negativa

ser diferente. Existe a grande tendência de preferir o novo em vez do velho, fora de qualquer julgamento de valor, o que é um erro. Velhos métodos usados com propriedade resultam melhores que improvisações disparatadas com a "novidade".

"A excessiva preocupação com os "meios não-gráficos" tem nos levado ao atual desprezo pela arte da exposição verbal ou retórica, e à conclusão simplista de que, desde que utilizemos alguns diapositivos e uns pedaços de filme, podemos falar mal, à vontade, sem nenhum problema para a comunicação"... (Johnson).

Os "meios não-gráficos" empregados pelo confe-rencista exigem dele igualmente uma exposição verbal que conjugue autoridade, força e clareza. Uma palestra exige ou exigiria uma autêntica destreza na arte da expressão, sendo apenas reforçada pelos "meios não-gráficos" (Johnson).

Nenhum "meio não-gráfico" pode liberar-nos da responsabilidade de um cuidadoso planejamento e pre-paro, bem como da conseqüente análise e avaliação das reações do educando e do valor educativo do que se pretende transmitir" (Johnson).

Todos esses instrumentos, novos e velhos, são ape-nas meios e não fins; o fim sendo a própria comuni-cação; o "medium" pelo qual idéias, conceitos, fatos e significativas formas e sons são transmitidos ao estu-dante. Os "meios não-gráficos" devem ser julgados de acordo com sua eficácia na comunicação (Johnson).

e caberia lembrar aqui que mapas e cartazes e outros materiais gráficos estão sendo considerados como integrantes do grupo dos "non-books". Na Pedagogia, a expressão "Multi-meios educacionais" vem sendo empregada com frequência, mas não custaria recordar que "livro" bem pode ser considerado um multi-meio educacional pelos não versados no assunto. Tal como o Briquet, estou em dificuldades para escolher a terminologia mais adequada. Fico, pois, com a que ele cunhou por estar mais próxima da idéia e da forma contidas na expressão original inglesa.

Lembremo-nos das sábias palavras de Erickson e Curl ao planejar um filme diapositivo sonoro ou palestra ilustrada com diapositivos: "palavras e ilustrações não têm significados próprios..." É bem mais fácil realizar nossos objetivos quando temos uma idéia definida do que realmente se necessita e do que pretendemos comunicar.

Using the Bradford-Zipf distribution, the texts of American and British authors are analysed. The texts contain material about methods, programmes and opinions relating to courses on the effective use of reference tools, information retrieval systems and other library services. The study covers only case studies in the use of «non-book media» and mainly concerns university and special libraries.

BIBLIOGRAFIA

1. ALLARD, M.K.; SMITH, D.; SOMERVILLE, A. An av workshop approach to teaching the use of ca indexes, *Special Libraries*, 62(10):435-37, Oct. 71. 1 ilus. 4 refs. (Abstract).
2. BARR, K. SCONUL tape/slide presentations for library instruction. In: *Exploitation of library resources: a systems approach workshop at the Hatfield Polytecnic*, April 22nd, 1972; edited by Carey. Hatfield, July 72. p. 18-19.
3. BESWICK, Norman W. The library resource centre in higher education: some personal speculations. *Library Association Record*, 75(7):134-5, July, 1973.
4. BONN, George S. "Training Laymen in Use of Library". In: *The state of the library art*, v. 2, part I. New Brunswick, N.J., Graduate School of Library Service, Rutgers, 1960. p. 1-114.
Treinamento na escola de biblioteconomia (em geral), nas bibliotecas escolares (primárias e secundárias), bibliotecas públicas e universitárias. Testes são analisados. Inclui 448 referências, algumas já obsoletas mas umas poucas ainda válidas.

5. BOTTLE, R.T. Training students to use scientific and technical information. In: *Progress in Library Science 1967*. London, Butterworths, 1967. p. 97-115.
Descreve como tais cursos são organizados em diferentes países da Europa, URSS e E.U.A., incluindo úteis programas (Syllabuses) e extensa bibliografia. Pouca referência aos "meios não-gráficos".
6. BOURGOUIN, J. En marge du project Multi-media — la bibliothèque dans la société promotionnelle. *Bull. Ass. Bibliot. Lang. Fr.*, 17(3):148-53, Sept. 1971.
7. CAREY, R.J.P. Media used in promotion of use. Audio-visual materials. U K. Work-shop on Exploitation of library resources: a systems approach. Hatfield Polytechnic July 1972. In: *Educating the Library User 1970, Loughborough (Meeting) Proceedings...* edited by C.M. Lincoln. International Association of Technological University Libraries, 1970. p. 1-11.
Os apêndices incluem programas dos cursos, exercícios e "Uma investigação do uso das situações criadas para auto-ensino nos cursos de ciências em nível universitário, escrito por Hills.
8. ———. *Library guiding: a program for exploiting library resources*. Shoe String, Bingley, 1974.
Inclui o capítulo: "Audiovisual aids: information stations", p. 42-82.
9. ———. *A technical information course for engineering and science students at Hatfield College & Technology*. Hatfield, H.C.T., 196—.
10. COLBY, R.A. Film stars — librarians and students. *Library Journal*, 82:728-30, Mar. 1957.
Embora bastante velho, resulta interessante porque comenta indiferentemente habilidades técnicas e artísticas requeridas para a produção de um filme numa escola de biblioteconomia. Descreve passo a passo a produção do filme "Research in the Library". A experiência parece ter sido interessante, mas eles confessam: "Para que vai servir isso agora, depois de feito? Devemos pensar..."
11. COOPER, E.W. Visual instruction in the use of a medical and dental library. *Special libraries*, 45:195-98, June, 1954.

12. DUDLEY, Miriam. Teaching library skills to college students. In: *Advances in Librarianship*, edited by Melvin J. Voight. v. 3, New York, Academic Press, 1972.
Estudo essencialmente crítico das várias modalidades empregadas no treinamento dos usuários. Apenas toca no assunto dos "meios-não-gráficos".
13. ERICKSON, C.W.H. et CURL, D.H. *Fundamentals of teaching with audiovisual technology*. 2nd ed. N.Y., The MacMillan Co., 1972. 338 p.
Descreve aparelhos e procedimentos úteis para o ensino em geral.
14. FOSTER, B. Do-it-yourself videotape for library orientation based on a term paper project. *Wilson Library Bulletin*, 48:476-81, Feb. 1974.
15. GAREN, R.J. Library orientation on television. *Canadian Librarian*, 24:124-6, 1967.
16. GENUNG, H. Can machines teach the use of library? *College & Research Libraries*, 28:25-30, 1967.
17. GODHUE, D. Tape recorded lectures with slide synchronization. *J. Biol. Educ.* 3:311-9, 1969.
Desce a detalhes a respeito da preparação de programas "TESS", descrição de aparelhos, organização e custos operacionais.
18. HUGHES, J.M. Tour of the library by audio-tape. *Special Libraries*, 65:228-70, July, 1974.
19. JOHNSON, J. Film, television and tape/slide in university lecturing. *Brit. J. Educ. Tech.*, 2:216-28, 1971.
20. JONES, Colin. Seeing is believing — a justification for VTR in schools. *Visual Education*, s/n, p. 17-9, Nov. 1975.
21. JONES, Helen S. Manuscript for a series of filmstrips instructing the freshman in the use of the University of Texas Library. Thesis, 1951.
Citado por BONN. Li os comentários mas não foi possível obtê-lo.

22. KELLEHER, L.J. We use our camera. *Wilson Library Bulletin*, 31:527-8, Mar. 1957.
O artigo é até velho mas pode ser útil na preparação de diapositivos para o ensino do uso da biblioteca. O autor sugere seqüências temáticas para tal fim.
23. KENNEDY, J.R. Integrated library instruction. *Library Journal*, 95:1450-3, 1970.
Descreve minuciosamente o programa de treinamento de usuários levado a cabo pela Earlham College Library (E.U.A.).
24. KUO, F.F. Comparison of six versions of science library instruction. *College & Research Libraries*, 34:287-90, July, 1973.
25. MACKENZIE, A.C. Reader instruction in modern universities. *Aslib Proc.*, 21(7):271-9, Oct. 1959.
26. RAMSEY, O.B. An audiovisual guide to the chemical literature. *J. Chem. Docum.* 9(2):92-5, May, 1969.
27. REFERENCE Standards. *RQ*, June 1961, p. 1-2 In: KATZ, W.A. *Introduction to reference work*, v. 1. 2nd. ed. N.Y., MacGraw-Hill, 1974. p. 7.
28. STANDING Conference of National and University Libraries. *Working Group on Tape/Slide Presentations: recommended procedures*, edited by F. Earnshaw. /U.K./S.C.O.N.U.L., 1973.
Preparado para servir de manual para qualquer pessoa envolvida na produção de dia-sons (Tape/slide presentations).
29. SHUMAN, B.A. Teaching a services and collections course via closed-circuit television. *Journal of Education for Librarianship*, 14:107-18, Fall, 1973.
30. SOUTHERN Illinois University. *A study to determine the extent to which instruction to university freshmen in teaching machines*, P.R. Wendt et alli. Carbondale, III, 1963.
31. STEVENSON, M.G. Evaluation of tape/slide presentations. In: *Exploiting of library resources: a systems approach; a workshop at Hatfield Polytecnic*, April 22nd, 1972, edited by R.J.P. Carey. Hatfield, July 1972, 25-30. Abstract in L.I.S.A.

32. TWO Films on public libraries. *Unesco Bulletin for Librarians*, 28:177, May, 1974.
 Descrição superficial de dois filmes: o primeiro "Using the libraries: the public libraries" (U.K.) produzido pela Open University; o segundo "Point of contact", pela Central Library (Luton, U.K.), incluindo preços de venda.
33. URQUHART, D.J. Developing user independence. *Aslib Proc.*, 18(12):351-6, Dec. 1966.
34. WHEELER, Helen. Introducing the library through film. *Wilson Library Bulletin*, 41(2):197-9, Oct. 1966.
 Continuação de lista similar publicada anteriormente sob o título "Selected 16 mm. films and filmstrips on libraries, books, and reading", no *Wilson Library Bulletin*, 32(4):301-2. Inclui 37 títulos e lista de distribuidores.
35. WILSON, H.W. Company, firm, publishers. Your library resources and How to use the Reader's guide (audio-visual program). Wilson, H.W. 1973 sound tape cassette filmstrip 74 frames color.
36. WOORS, A.I. On radio and television. Chicago Public Library is "Harambee". *Illinois Librarians*, 56:215-6, Mar. 1974.
37. WYATT, R.W.P. Video tapes in Brunel University Library. In: *Exploitation of library resources: a systems approach; a workshop at Hatfield Polytechnic, April 1972*, edited by R.J.P. Carey. Hatfield, July 1972, p. 31-7.
 Abstract in L.I.S.A.
38. ————. The production of video-tapes for Library Instruction an account of experience at Brunel University. In: *Educating the Library User 1970, Loughborough (Meeting) Proceedings...* edited by G.M. Lincoln. International Association of Technological University Libraries, 1970. p. K1.11.